

Este é o oitavo livro póstumo de José Correia Tavares, tal como os anteriores, todo ele elaborado por si nas suas essência e forma, estrutura e título.

Apesar de escrito em 2012, mantém a sua atualidade, porque o autor, sendo dotado de uma rara capacidade de percepção de tudo o que o rodeava, sabia como apreender as várias essências de um país que, transversalmente, tem inata uma forte capacidade criativa de ser e de estar.

Todo o livro é, só por si, um reflexo dos circos em que vivemos. Por isso, seja bem-vindo ao maior espectáculo do mundo: a Poesia. Aquela em que José Correia Tavares consegue encerrar em quadras os diferentes números de todos os circos quotidianos.

Na primeira fila, amigos que herdei e a quem, pessoalmente, agradeço a presença

constante, José Manuel Mendes, Paula Trindade Duarte e Rui Magalhães, que compreendem e nunca esquecem.

À Câmara Municipal de Santiago do Cacém, um agradecimento especial pelo apoio à edição e, sobretudo, pelo reconhecimento e amizade de todos quantos conheceram e trabalharam com José Correia Tavares, no âmbito do Prémio de Conto Manuel da Fonseca.

Neste livro, retratados, subliminarmente ou não, podemos encontrar palhaços, acrobatas, contorcionistas e equilibristas. Assistir a números únicos protagonizados por grandes artolas tentando desviar-nos do essencial e achando, pretensiosamente, que todos os admiram quando, na realidade, toda a plateia ri, chora ou dorme durante as suas atuações, para não morrer de tédio ou de vergonha. Mas, em contrapartida, conseguimos também assistir a outros, de grandes artistas que, magistralmente, nos fazem viajar, sonhar, pensar e sorrir. Nos fazem acreditar nas coisas boas da vida e nos deixam de coração cheio.

É a capacidade que José Correia Tavares tem de fazer malabarismos com as palavras e as frases, brincando com elas até ao limite, integrando no mesmo número o ilu-

sionismo de ideias e conceitos únicos, que lhe permite, como poucos, deslumbrar-nos com um mundo de fantasia ao mesmo tempo que, qual atirador de facas, nos alerta para a crueza da realidade.

Todo o livro é um constante número de trapezismo em que, não só existe um extraordinário equilíbrio e coordenação literária por parte do autor mas, simultaneamente, nos leva a um constante balanço de emoções, às vezes suave mas muitas outras tão agitado que a nossa respiração fica presa por momentos para só recuperar, mais tarde, com um grande respirar fundo.

Quadras há, em que José Correia Tavares percepciona, ele próprio, a técnica de um domador, demonstrando-nos como há animais que, ensinados e conduzidos, podem obedecer a determinados comandos para realizar ações que habitualmente não seriam as suas. Hoje em dia, actividade de risco e tantas vezes proibida, mas, encarada seriamente, continua a ser de toda a pertinência, embora cada vez mais incómoda e desconfortável.

A solo mas sabendo-se em dupla, combinando emoção, sincronia e confiança com Maria José Tavares, minha mãe, no pica-deiro central, ou em altura, sempre sem rede,

lidando corajosamente com os mais ferozes animais, rindo com o melhor dos palhaços ou contracenando com ilusionistas, José Correia Tavares, faz a quadratura de todos estes nossos círcos, mostra-nos a beleza das coisas e abre-nos os olhos para os pormenores escondidos.

Qualquer que seja o número, José Correia Tavares tem, exponencialmente definidos, todos os recursos intelectuais exigidos para, como ninguém, fazer a quadratura dos círcos, sejam eles acrobáticos ou de equilíbrio, sejam habilidades de chão ou em altura. Exímio na arte de manipular o fogo, que sendo seu aliado não o queima, consegue, se quiser, chamascar os demais.

Acima de tudo, estamos perante um enorme contador de histórias, capaz de nos prender de forma intrigante e provocadora mas também dono de uma sensibilidade e brandura pouco habitual e desconcertante.

Por isso, Respeitável Público, o Espectáculo da Poesia vai começar!

*Natércia Tavares*

## PREFÁCIO

### JOSÉ CORREIA TAVARES A ARTE DE ENQUADRAR O MUNDO

A conhecida mestria de José Correia Tavares na elaboração de quadras exemplares (no conteúdo satírico, na forma da sua construção), revela-se uma vez mais neste livro póstumo, mais um de inéditos que Natércia Tavares, sua filha, tem vindo a assegurar e publicar com dedicado desvelo: *Quadratura dos Círcos*.

Logo no título a inventiva semântica e metafórica de Correia Tavares revela o seu raro sentido crítico, abrindo para a lúcida jocosidade do conteúdo, em que os vícios comportamentais, políticos e culturais dos

seus concidadãos – os vendilhões, os párias, os oportunistas de todos os calibres –, são visados, passando pelo aguilhão de um discurso poético atento e demolidor face à realidade que o poeta perceciona, lhe dói e revolta: *És o maior, eu lhe disse, / Mas sem ter acrescentado: / A nível da sacanice, / Ninguém mais credenciado.* Ou, numa outra certeira quadra: *Açor, ave de rapina, / Simulando colibri; / No chumbo duma clavina, / Vai o meu asco por ti.,* ainda no mesmo tom crítico sem tibieza, *Há por aí grandes pulhas? / Tu não lhes ficas atrás: / Porco, no lixo vasculhas, / Em tudo o mais, incapaz.*

Mas igualmente o amor, as suas variantes sensitivas, habita estas estrofes, numa ductilidade vinda da essência dos sentidos: *Luminosa lua cheia, / Um prateado astro rei, / Conseguí romper a teia / Ao meu amor e voei.* O amor, também, como forma de evasão ao real: *Eu e minha namorada, / Toda a noite sem dormir, / Não ouvimos trovoada, / Sequer paredes cair.* O amor, que mais do que evanescência é igualmente afago e matéria: *Equador de Pólo a Pólo, / Sem planetários receios, / Quando, sentada em meu colo, / As minhas mãos nos teus seios.*

Voz única, sagaz no modo de registar os quotidianos indígenas, as suas idiossincrasias elementares, através da forma mais popular e popularizante da poesia que é a

quadra, esse sedutor feitiço que levou muitos poetas de diferentes épocas, classes e formações sociais a utilizá-la desde o século XVI, como elemento de expressão lírica, de sátira, de chacota, ou de arremesso crítico ou ainda, a partir de finais do século XIX, como forma de construção poética nas voltas do Fado, ou de construção mais erudita como o fizeram Wenceslau de Moraes e Fernando Pessoa pelos caminhos do modernismo, compondo em quadra muitas das suas composições poéticas.

A sedução, o mágico deslumbrê das quadras de José Correia Tavares, radica não apenas no modo de estilar, como o faziam os nossos poetas do *cancioneiro* mas, e sobretudo, na coloquialidade que envolve o conjunto do seu discurso poético, no ordenamento e fulgor prosódico, nessa encenação, que é muito teatral, da sua incisão peculiar. Discurso que vemos remoçado, inventivo e cáustico de livro para livro.

Há neste *Quadratura dos Círcos* uma expressiva desenvoltura verbal, um desafio acutilante aos diversos poderes, à usura, à grande farsa e à moral hipócrita que preside a muitos dos atos dos agentes públicos, revelando um atentíssimo, questionador, olhar à realidade: *Uma Igreja, força viva, / De alicerces bem seguros, / Bran-*

*queia, depois arquiva / Pecados aquém dos muros.  
// Governados por farsantes, / Passividade do povo, /  
Tudo afinal como dantes / E sonhei um país novo.*

As quadras de José Correia Tavares abarcam universos sensitivos diversificados, que vão, neste livro em particular, embora nos anteriores lhes reconheçamos investimento semelhante e preocupações sociais afins, da crítica aos *maus hábitos* da governança, da actual e a dos *tempos da outra senhora*, à qual se opôs com as armas agudas e perenes das palavras, nomeadamente nos poemas em que contestou, de modo pioneiro, os desvãrios, políticos e humanos, da *guerra colonial*; ao amor onde o humor não falha, *Para dormir, vou ser franco, / E namorar à vontade, / Já privatizei um banco / De jardim nesta cidade.*; do apurado sentido de autocrítica, *De mau humor ou com graça / Sem rebanho nem courelas, / Tudo faço e levo à praça / Aquém das minhas janelas.*; sem deixar, de aceso faro, essa cósmica, incessante busca do eu, *Procurando me encontrar, / Uma ideia peregrina, / Já fui ao fundo do mar / E aonde o cosmos termina.*

Mas o verbo mais audaz e silente deste poeta, narrador frontal dos quotidianos armadilhados do nosso estranho tempo, esse exímio demolidor dos fascistóides de embrulho de democrático, esses *herdeiros ressurrectos* de

tempos bárbaros, igualmente dos arrogantes, dos arranjistas, dos videirinhos, dos tacanhos, da mediocridade larvar que nos tolhe os dias, dos farsantes, todos os pulhas que andam zurzidos como merecem neste *Quadratura dos Círcos*, habitantes deste rectângulo encalhado entre mar e terras de muitas Espanhas, a torvar o sol.

É sobre esse território de *traidores de medilha ao peito*, que o verbo de José Correia Tavares se ergue modelar de denúncia, de crítica, mordaz e algo excêntrica nestes dias de conformada manha, de um singular virtuosismo no seu descarnado sentido crítico, no escárnio e maldizer que o alicerça, nessa fala que vem de longe, quase dos primórdios da língua – sem ignorar a influência que *as jarchyas* árabes, as hispânicas *carjas* dos séculos IX e X, tiveram nas *cantigas de amigo* -, que já se encontra no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, que envolve os românticos, João de Deus e Garrett, a *Geração de 70*, com Antero, depois Junqueiro, Cesário Verde, Correia de Oliveira, António Nobre, o Fernando Pessoa das *Quadradas ao Gosto Popular*, António Botto, Pessanha, o genial António Aleixo, o neorealista Armindo Rodrigues.

De boa-cepa vem a poesia de José Correia Tavares, desse filão criativo da versificação

peninsular, que passa por Lorca, António Machado e outros de igual fibra crítica, peito às balas, a coragem de dizer as verdades incómodas, de desnudar os embustes: *Um dos nossos, zé-ninguém, / Mas traidor, medalha ao peito; / É olhado com desdém / Por mim e todos a eito.*

Voz inconformada, olhando com mestria de artesão, a realidade, para tanto usando o bisturi das palavras com amplos sentidos, denunciando, através da quadra, a forma mais popular da criação poética e o seu modo mais eficaz e direto de chegar aos leitores a quem este discurso, a um tempo ácido e jovial, se destina, José Correia Tavares construiu laboriosamente, através desse processo criativo, a crónica assertiva de um tempo português, descobrindo-lhe os tartufos que nos cercam, a cobardia, as safadezas e as escassas, hipócritas virtudes.

Com o sarcasmo bastante para que o seu bisturi crítico penetre onde mais dói, este incansável *Cronista do Reino* deixou-nos uma obra plena de retratos sociais dispares, obra de quem não se alheou, enquanto pôde olhar e ver, o mundo de contrastes, de antagónicas, por isso dialécticas, classes que se moviam além da sua banca de versejador nato, bafejado pelos deuses dos *Jogos Verbais* certeiros e com acinte.

Que privilégio, meu caro José Correia Tavares, de poder continuar a ler-te, a sentir a tua solar jovialidade, anos depois de teres fechado a lira.

*Domingos Lobo*

Inebriados na festa  
Ao futuro sem passado,  
Hoje o pouco que nos resta  
É por vós baratinado.

Todos os povos do mundo,  
Outros talvez pelo espaço,  
 Unidos neste segundo  
Em que me dou um abraço.

Serás o melhor da zona,  
Mas, para mim, um calouro,  
Pois corri a maratona  
Em que fui medalha de ouro.

Vindas das mãos de canalhas,  
Espero que assim me entendas,  
Sempre recusei medalhas  
Ou quaisquer outras prebendas.

Mesmo vencendo na arena  
Um vosso gladiador,  
Acho que não vale a pena  
Pregar a paz e o amor.

Bem sabia, meu caminho,  
Não devia ter falado,  
É daqui ao pelourinho,  
Onde serei justiçado.

Ministro, já é banal,  
Revelando economia,  
O limparem a jornal  
Com sua fotografia.

Tu eras a minha aurora,  
O meio-dia em Agosto,  
Mas, desde que foste embora,  
Só és noite, nem sol-posto.

De mau gosto a brincadeira:  
Com gente que tu detestas,  
Trocaste nossa trincheira  
Por salões das suas festas.

Com armadilhas, negaças,  
Falcões e cães de parar,  
Por mais batidas que faças,  
Tu nunca me vais caçar.

Equador de Pólo a Pólo,  
Sem planetários receios,  
Quando, sentada em meu colo,  
As minhas mãos nos teus seios.

Há nos altares figuras  
Com celestes resplendores,  
Que por santas criaturas  
Nunca morreram de amores.